



JUVENTUDES RURAIS DE RORAIMA: Processos de construção identitária.

Adeline Araújo Carneiro Farias¹
Jocelaine Oliveira dos Santos²
Daygles Maria de Souza Lima³

GT4 - Educação Rural/do Campo.

RESUMO

Esse artigo apresenta uma análise procedente de uma pesquisa que teve por objetivo compreender os significados que os jovens rurais que vivem em Roraima, atribuem a ser jovem, analisando como a tensão rural-urbano interfere no processo identitário. Para tanto, realizamos as técnicas de grupos focais e entrevistas individuais junto a oitenta e seis jovens rurais, matriculados em cursos ofertados em quatro Campi do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Roraima. Os dados foram analisados a partir da técnica de análise de conteúdo temática, considerado como marcadores de diferenciação duas faixas etárias das juventudes. Identificamos que as percepções e significados que os jovens rurais conferem ao rural, impactam em seus processos identitários, visto que tal construção opera por meio da contingência e diferenciação.

Palavras-chave: Educação rural. Juventudes. Identidades. Tensão rural-urbano.

ABSTRACT

This article presents an analysis from a research that aimed to understand the meanings that rural young people living in Roraima attribute to being young, analyzing how rural-urban tension interferes in the identity process. To do this, we conducted focus group techniques and individual interviews with eighty-six rural youths enrolled in courses offered at four Campuses of the Federal Institute of Education, Science and Technology of Roraima. The data were analyzed using the thematic content analysis technique, considered as markers of differentiation two age groups of youths. We have identified that the perceptions and meanings that the rural youngs give to the rural, impact on their identity processes, since this construction works through the contingency and differentiation.

Keywords: Rural education. Youth. Identities. Rural-urban tension.

¹ Doutora em Ciências Sociais, Mestra em Ciências, Professora de Sociologia no Instituto Federal de Roraima, grupo de pesquisa Sociedade, Educação e Contemporaneidades. E-mail: adeline@ifrr.edu.br

² Doutora em Ciências Sociais, Mestra em Ciências da Educação Superior, Professora de Português no Instituto Federal de Sergipe, grupo de pesquisa Sociedade, Educação e Contemporaneidades. E-mail: Jocelaine.santos@ifrr.edu.br

³ Doutora em Ciências Sociais, Mestra em Ciências da Educação Superior, Professora de Metodologia de Trabalho Científico no Instituto Federal de Roraima, grupo de pesquisa Sociedade, Educação e Contemporaneidades. E-mail: saula@ifrr.edu.br



INTRODUÇÃO

No presente artigo, analisamos processos de construção identitários de jovens rurais que vivem no estado de Roraima, a partir de suas percepções e significados sobre ser jovem.

Apresentamos as compreensões dos jovens rurais a respeito da sua condição juvenil, partindo inicialmente das percepções dos que eles mesmos realizam sobre os significados de ser jovem, sua percepção enquanto jovens e o que os caracterizam como tal. Também, a partir de referências e contingências das suas experiências enquanto jovens, analisaremos a primeira temática em discussão.

Trazemos ainda os entendimentos dos jovens rurais a respeito da tensão existente entre o meio rural e o meio urbano, considerando os significados atribuídos às vicissitudes cotidianas que atravessam, levando em conta ainda, as apreensões relativas às temporalidades e espacialidades, enquanto fatores constituintes de tensão e influentes na sua construção identitária em curso.

Para chegarmos a estas discussões, realizamos uma pesquisa cujo objetivo visou compreender os significados que os jovens rurais que vivem em Roraima, atribuem à tensão rural-urbano, analisando sua interferência no processo identitário objetivo visou compreender os significados que os jovens rurais que vivem em Roraima atribuem a ser jovem, analisando como a tensão rural-urbano interfere no processo identitário.

Destacamos que a presente tese foi idealizada a partir de inquietações pessoais e profissionais, frutos de uma década e meia de trabalho junto aos jovens, sob dimensões diversas da sua experiência social. Assim, o empenho no estabelecimento de articulações analógicas e metonímicas entre as características do grupo de informantes se alicerçam no entendimento de que estas se constituem em fragmentos da totalidade, apreensíveis se abordadas de forma relacional, ou seja, com possibilidades de convergirem ou divergirem, ensejando tensões. (SIMMEL, 2006).

Para acessar estes jovens, abordamos os estudantes matriculados nos quatro Campi do IFRR, que estão localizados ao longo do estado de Roraima, abrangendo a todos os municípios, sendo estes: Jovens matriculados nos cursos ofertados pelo IFRR/Campus Novo Paraíso, localizado no município de Caracaraí, na região sul do Estado, contemplando como estudantes jovens oriundos dos cinco municípios, sua sede e mais quatro municípios situados no seu entorno: Iracema, Rorainópolis, São João da Baliza, São Luiz do Anauá e Caroebe;



Jovens matriculados nos cursos ofertados pelo IFRR/Campus Amajari, localizado no extremo norte do Estado de Roraima, região onde se localiza a Terra Indígena Raposa Serra do Sol e São Marcos. Este Campus atende a estudantes do município que o sedia, Amajari, e mais três municípios do entorno: Pacaraima, Uiramutã e Alto Alegre; E ainda jovens matriculados nos cursos ofertados pelo IFRR/ Campus Avançado de Bonfim, localizado na região nordeste do estado, além deste Campus atender aos estudantes do próprio município que sedia e dá nome ao Campus, atende ainda às demandas educacionais dos municípios do Cantá e Normandia, e compartilha o atendimento com o IFRR/Campus Amajari, ao município de Uiramutã.

Norteamos as análises dos dados a partir de autores cuja abordagem às categorias de análises consideramos compatíveis, bem como adequados a nos subsidiar, de forma conjunta, enquanto marco teórico. Dentre as categorias basilares nesse estudo estão as noções de juventude, processos identitários e tensão rural-urbano.

Partindo do entendimento de que há uma imbricação entre estas, distinguimos os autores e suas concepções acerca destas categorias, sendo estes: no que se refere à compreensão sobre processos identitários, ancoramos nossas análises teóricas a partir de Stuart Hall (2011; 2000), Zygmunt Bauman (2006; 2001) e George Simmel (2006; 1986); para fundamentar a construção teórica da categoria de análise juventude, buscamos as produções de José Machado Pais (2008; 1999) e Marília Sposito (2007; 2005; 2003; 1997). Adotamos Carneiro (1998) para discutirmos a distorção provocada pela concepção dicotômica da relação rural-urbano, que ainda persevera, provoca nos jovens rurais conflitos de autopercepção, posto que ainda são (mal) interpretadas como perda das características e cultura rural, ou desvalorização destas, acarretando o engendramento e reforço de tensões entre ambos os contextos, do meio rural e urbano.

Em consequência desta percepção, elegemos enquanto categoria analítica a tensão rural-urbano, partindo da ideia de que consista num fator interveniente e influenciado que não deve ser desconsiderado, se pretendemos discutir processos de identificação dos jovens rurais.

A composição do grupo de informantes apresenta como caracterização geral jovens com residência ou procedência do meio rural. Enquanto marcadores de diferenciação, definimos como particularidades que delimitam o objeto a abordagem aos jovens com idades entre 15 e 24 anos, inclusos, portanto nas faixas de idade de jovem-adolescente e jovem-jovem, conforme o Estatuto da Juventude, de ambos os sexos.

Ao pensarmos esta constituição do grupo de informantes, visamos possibilitar uma multiplicidade de situações e condições a que os jovens do campo podem ser



contingentes, influenciando sobremaneira sua percepção acerca da realidade, conforme nos aconselham Bauer e Gaskell quanto a tais questões:

Precisam manter a mente aberta para estratos e distribuições funcionais posteriores, que podem não ser óbvias num primeiro momento. Podem começar pelo sexo, idade e educação, mas podem precisar levar em consideração a etnia, a religião, às divisões urbano/rural a fim de identificar e maximizar a variedade nas representações das pessoas sobre determinado tema. (2002, p. 59).

Para a coleta dos dados, definimos as técnicas de grupos focais e entrevistas. Desta forma, buscamos contornar a baixa participação de algum segmento, complementando a pesquisa a partir de entrevistas. Esse recurso foi utilizado especialmente junto aos jovens indígenas, posto que apresentaram uma participação tímida nos grupos focais, que nas entrevistas revelaram sentirem-se intimidados diante dos demais jovens não-indígenas.

Considerado a característica de pesquisa qualitativa, definimos a técnica de grupos focais para abordar os jovens do campo, tendo em mente que as suas características centrais possibilitarão acesso a informações mais apropriadas para o conhecimento de significados e manifestação de opiniões, em decorrência da potencial sinergia emergente da participação no grupo, cuja opinião e liderança se manifestam, levando a um nível de envolvimento emocional, necessário para os objetivos da pesquisa. (BAUER; GASKELL, 2002, p. 76).

A execução da técnica de grupos focais foi prevista para a realização de duas sessões com cada grupo, sendo estes distribuídos nos Campus do IFRR e, ainda, distintos em dois subgrupos agregados por faixas de idade: 15 a 18 anos e de 19 a 24 anos de idade. Cada encontro teve uma duração entre 90 a 120 minutos e contou com a participação média de 6 a 8 jovens, considerando a composição já descrita anteriormente. (DEBUS, 1988).

As coletas foram transcritas com o auxílio do software Express Scribe. Inicialmente, realizamos uma caracterização geral dos jovens participantes da pesquisa. A partir dessa caracterização, pudemos apontar que dos 86 jovens rurais entrevistados, 56 estão compreendidos na faixa de idade de jovem-adolescente (15 a 18 anos de idade) e 30 na faixa de idade de jovem-jovem (19 a 21 anos de idade).

Quanto ao sexo, participaram da pesquisa 49 jovens rurais do sexo masculino e 37 do sexo feminino. Os jovens estão identificados apenas pela letra inicial que representa o sexo (M ou F) e um número aleatório determinado durante a coleta de dados.

Para fins de análise dos corpora da pesquisa, empregamos a técnica da análise de conteúdo, e em particular a análise categorial voltada a temáticas, possibilitando a



confirmação ou redirecionamentos das categorias prévias, bem como a construção de outras categorias, de acordo com os temas que emergem do texto, classificando e agrupando os elementos a partir do que apresentam em comum. (CAREGNATO; MUTTI, 2006, p. 683).

A definição pela análise categorial direcionada por temáticas deu-se em decorrência do entendimento da sua adequação à característica da pesquisa, considerando que:

(...) o tema é a unidade de significação que se liberta naturalmente de um texto analisado seguindo certos critérios relativos à teoria que serve de guia à leitura. (...) Fazer uma análise temática consiste em descobrir os “núcleos de sentido” que compõem a comunicação (...) é utilizado para estudar motivações de opiniões, de atitudes, de valores, de crenças, de tendências etc. (BARDIN, 2011, p. 135).

Finalizamos com algumas (in) conclusões que emergiram do trabalho de pesquisa, apontando para possíveis contribuições na produção de conhecimento sobre juventudes rurais, com potencial para subsidiar intervenções com destaque para a Educação Rural.

1. JUVENTUDES RURAIS DE RORAIMA: ser jovem, ser rural.

Apresentamos as compreensões dos jovens rurais a respeito da sua condição juvenil, partindo inicialmente das percepções dos que eles mesmos realizam sobre os significados de ser jovem, sua percepção enquanto jovens e o que os caracterizam como tal.

Em seguida, trazemos os entendimentos dos jovens rurais a respeito da tensão existente entre o meio rural e o meio urbano, considerando os significados atribuídos às experiências cotidianas que atravessam, e como estas contribuem para as suas identificações.

1.1 O que significa ser jovem? Percepções e contingências.

Em nossos contatos com os jovens do meio rural, durante o período de coleta dos dados empíricos, sempre iniciamos os diálogos a partir de provocações sobre o que é “ser jovem”. A partir de questões como: Você é jovem? Por que você é jovem? O que significa ser jovem? Fomentamos um debate de modo a favorecer a apreensão de significados subjetivos das suas ações e interações, a partir da análise do conteúdo de suas falas sobre o que é ser jovem. Desse modo, buscamos explorar o que viria a se constituir durante o processo de pesquisa e análise, na categoria “identificações das juventudes”.

Nesse sentido, os discursos dos informantes relacionados à provocação “o que te faz jovem”, gravitaram em torno dos seguintes temáticas:

- ✓ Ser jovem significa ainda não ser adulto, tendo uma idade a própria da juventude;
- ✓ Ser jovem significa ser responsável, mas não tanto quanto os adultos;



- ✓ Ser jovem é ter bom humor, é ter a mente aberta às novidades, é Ser diferente.
- ✓ Ser jovem significa, às vezes, agir por impulso devido a certa imaturidade;
- ✓ Ser jovem significa ter facilidade e gostar de fazer uso de tecnologias;
- ✓ Ser jovem é ter disposição física, saúde e aparência de jovem;
- ✓ Ser jovem é usar uma linguagem despojada e mais moderna;
- ✓ Ser jovem é desejar a independência, é pensar no futuro, e também sonhar;
- ✓ Ser jovem é não ter autonomia em relação aos adultos;
- ✓ Ser jovem é ser livre e defender suas ideias;
- ✓ Ser jovem é viver para estudar, preocupado com o ingresso no ensino superior/passar em concurso público, se profissionalizar e conseguir um bom trabalho numa área que goste;
- ✓ Ser jovem é sofrer a influência da mídia;
- ✓ Ser jovem é viver sob a pressão das expectativas dos outros acerca dos nossos sucessos ou fracassos (famílias, amigos e namorados).

Exemplificamos estas percepções dos jovens, com algumas falas que seguem:

“A idade. A palavra jovem já diz tudo: não ser velho!” (jovem F-25)

“Sou jovem pela minha idade, por que ainda estou estudando.” (jovem M-48)

“Eu sou jovem por que eu tenho a idade pra ser jovem e me comporto como jovem. Não quer dizer que todos os jovens são iguais. Mas, o jovem tem uma cabeça diferente dos adultos e a gente nota isso pelo comportamento, no sentido de ter a mente aberta. Mente aberta para falar sobre sexo, sobre medos, conflitos essas coisas que a maioria dos adultos acham que é “bobagem” dos jovens que quando for adulto, passa”. (jovem F-18) (Aspas destacadas gestualmente pelo informante)

Assim, embora aspectos vinculados à idade e ao corpo físico tenham sido expostas, enquanto atributo jovem, foram complementadas com enfoques como a responsabilidade e o comportamento bem humorado, que segundo os informantes, marca de forma considerável e característica a conduta dos jovens, conforme examinam a eles próprios e aos jovens que constituem seus círculos sociais, como podemos observar adiante.

“O que me faz me sentir jovem é sorrir, independente do motivo ou de com quem eu esteja. Ser jovem, para mim, é sorrir. Os jovens são mais felizes que os adultos”. (jovem F-35)



“O jovem é mais brincalhão e o adulto é mais sério. Acho que é isso é por que o adulto tem muitas preocupações. Eu não tenho pressa de ser adulto.” (jovem M-13)

“A principal característica do jovem é o comportamento. É fazer brincadeiras, tipo, que seus pais não fazem mais.” (jovem F-08)

“Ser jovem é ter idade e aparência de jovem, mas também é uma maneira de pensar. É ter muitos amigos e gostar de estar com eles. É pensar de um jeito mais livre, tendo menos preocupação.” (jovem F-02)

“Ser jovem significa não ser mais criança, tão imaturo, porque já tem mais experiências, já tem responsabilidades e preocupações, mas não tanto quanto os pais, por isso, o jovem é mais alegre”. (jovem M -28).

É clara a percepção comparativa estabelecida pelos jovens em relação aos adultos. Além das falas, suas opiniões foram reforçadas por reações que puderam ser observadas, tanto por sua intensidade como pela sua direção.

Nesse caso da comparação entre o comportamento do jovem e o do adulto, sendo o primeiro percebido como mais alegre, quando da manifestação oral de um jovem defendendo tal assertiva, mesmo que os demais membros do grupo não tenham corroborado verbalmente, estes se manifestaram favoravelmente, a partir de gestos e expressões faciais que denotaram sua concordância.

Analisando os grupos, considerando o marcador de diferenciação de faixas de idade, percebemos que os grupos formados pelos jovens-adolescentes mostraram-se mais enfáticos, no que tange ao comportamento dos jovens em oposição ao dos adultos.

Podemos então considerar que, imersa na categoria de identificações das juventudes, encontramos a percepção de que ser jovem significa não ser adulto. Embora a assertiva se apresente inicialmente como óbvia, defendemos que esta percepção compartilhada entre os jovens apresenta-se enquanto uma tipicidade que contribui para ordenação da sua cosmovisão. Evidencia-se que estes jovens, estabeleceram uma correlação do tipo causa e efeito, entre as responsabilidades corriqueiras do universo adulto e um comportamento marcado pela sisudez.

“Nós somos jovens por que ainda não temos tantas responsabilidades como os mais velhos. O adulto tem muitas preocupações por causa das responsabilidades com trabalho, dinheiro, filhos, essas coisas, por isso ele leva tudo muito mais a sério. Já o jovem, não. A preocupação do jovem é só com os estudos, então não somos mais divertidos.” ((jovem F-03)

“O diálogo com as pessoas diferencia muito o jovem. Quando a gente é jovem a gente fala de um jeito mais despojado, mais alegre e no que vai avançando a idade, as pessoas já falam assim mais sério, as palavras vão



ficando mais compassadas, tirando assim pelas pessoas da minha família. O o peso das preocupações vai deixando as pessoas assim”. (jovem M-13)

“Ser jovem é ter idade e aparência de jovem, mas também é uma maneira de pensar. É ter muitos amigos e gostar de estar com eles. É pensar de um jeito mais livre, menos preocupação do que os adultos.” (jovem M- 33)

“Eu acho que ser jovem hoje em dia é bem difícil, por que os adultos o tempo todo te lembram que o futuro vai depender de você e de como é difícil a vida de adulto. Isso dá um medão. E se eu falhar? E se eu não conseguir tudo isso? Ah! se não conseguir dá orgulho.” (jovem F-01)

Esse entendimento dos jovens, manifesta um caráter subjetivo compartilhado. Nesse aspecto, percebemos que as tipicidades são biograficamente construídas, e mais, que sendo compartilhadas, geram uma sensação de segurança, pois pressupõe a existência de um sistema de reciprocidade, um mundo pressuposto, influenciando sobre como reconhecem a si próprios e aos outros (SCHUTZ, 1979). Esse mundo intersubjetivo que vai se constituindo a partir do aprendizado possibilitado pelas experiências do sujeito, e que se dão entre o Eu e um Outro, é que propiciam o caráter biográfico, tornando tais experiências significativas.

Simmel (1986) nos suscita a considerar que a configuração social não é dada apenas por elementos convergentes desta sociedade, mas também, por seus elementos dissociativos, e é exatamente esta tensão que vai moldar as estruturas sociais. (PAIS, 2008).

Outrossim, a abordagem à tensão em relação aos adultos, manifesta pelos jovens, não visa estatuir que o processo de construção identitário dos mesmos repouse de modo elementar numa relação restrita a duas posições divergentes, e em permanente conflito, num aspecto restritamente negativo. Posto que, de acordo com Simmel (1986, p. 123), “o conflito é a negação da unidade”, e neste aspecto, os antagonismos entre os jovens e os adultos, retratam a manifestação de sujeitos que interagem e se defrontam com suas diferenças, resultando na necessidade de negociação constante.

Não obstante, ser jovem não se limitou apenas à constatação desta tensão “de não ser adulto”. Identificamos ainda outro dois aspectos do que significa ser jovem, que em inter-relação entre si favorecem uma aproximação sobre como os jovens percebem a si e aos demais jovens. Estes aspectos relacionam-se a sua atualidade, no sentido de se utilizarem da tecnologia das suas atividades e relações interpessoais, e mantendo-se com uma “mente aberta” às novas ideias e linguagens, concebendo-se enquanto “ser diferente”, numa perspectiva valorativa e contemporânea, de modo geral, em relação aos adultos.



Destacou-se, também, o reconhecimento dos jovens sobre seus comportamentos sofrerem influências diversas, como veremos na sequência.

No que concerne à articulação entre o uso de tecnologias para se comunicar suas ideias e linguagens que os tornam “diferentes”, destacamos algumas falas significativas:

“A gente se sente jovem por causa das coisas que gostamos de fazer, como estar nas redes sociais, a maneira de se comunicar com outras pessoas, principalmente entre nós jovens, a nossa maneira de falar é moderna, é atendida e não é parada. O jovem tem que ficar ligado, ficar esperto, porque o papo muda muito rápido, e se você ficar desatualizado, fica manjado.” (jovem M-06)

“O despojado do jovem é um jeito de agir mais espontâneo. Tem várias palavras que os jovens que usam, basicamente giras, como “tipo, e aí, já é”, que tem a ver com ser jovem. Quando a gente vê um adulto falando assim é o maior micão”! (jovem F-11)

“Eu acho que hoje em dia, o jovem, como ele se vê e tal, também está relacionado a modismos. A estar em várias redes sociais ao mesmo tempo. Daí uns se acham bonitos, já outros tem auto estima baixa. Outros são vida louca. Outros são CDF.” (jovem M-09)

“Ser jovem hoje depende muito do que as mídias estão dizendo que é ser jovem! A maioria dos jovens fazem e gostam de coisas que foram convencidos, principalmente pela internet. Desde a maneira de falar, até as roupas.” (jovem F-14)

Ao mencionarem comportamentos habituais de sua condição enquanto jovens referem-se a si próprios ou aos demais jovens, revelando um estado de transversalidade entre os níveis individual e social, que analisamos, ancorados em Simmel (1986), retratar esta dupla natureza do sujeito, na qual a sociedade lhe é intrínseca, sem que este se limite apenas a um sujeito nesta mesma sociedade. Nas palavras de Simmel,

A sociedade, cuja vida se realiza num fluxo incessante, significa sempre que os indivíduos estão ligados uns aos outros pela influência mútua que exercem entre si e pela determinação recíproca que exercem uns sobre os outros. A sociedade é também algo funcional, algo que os indivíduos fazem e sofrem ao mesmo tempo. (p. 18).

Assim, as duplas influências identificadas nos processos de socialização relatados pelos jovens, apresentaram por centralidade a relação entre ser atual e manejar recursos tecnológicos, com ênfase na internet, e ainda os modismos que são tão rapidamente adotados, quanto abandonados, com a marca de estes processos terem um significado fundamental para que o jovem sinta-se pertencente e aceito socialmente.



Neste movimento incessante, ao mesmo tempo em que os jovens buscam sentir socialmente integrados, constroem artifícios diversos que lhes possibilita diferenciação, diante dos demais, em busca do reconhecimento social.

“Ser jovem é ser antenado nas redes sociais, ser divertido, saber andar de acordo com a moda, não ter tanta responsabilidade e ao mesmo tempo ter. Eu gosto de usar roupas da moda, mas não quero sair por aí fardado, então eu pinto e corto meu cabelo de um jeito só meu, para ter o meu diferencial, entende? Mas acho que principalmente o jovem é divertido.” ((jovem F-01)

Analisamos os relatos dos jovens partindo do entendimento de Simmel (1986) de que a moda é fenômeno sociológico que nos favorece analisar tensões sociais, pois assinala os movimentos de imitação e de diferenciação, que marcam a característica dual dos sujeitos.

Nesse sentido, esses processos de imitação e diferenciação contribuem sobremaneira em vários aspectos da vida dos sujeitos, porquanto, em consequência da dissensão das estruturas sociais tradicionais, “estar antenado”, “ficar ligado”, para “não ficar manjado”, ou seja, acompanhar uma tendência figura uma oportunidade de sentir-se aceito, incluso em seu ambiente social. Desse modo, contribui também no processo de identificação.

Por conseguinte, as gírias, as vestimentas, as cores alternativas de cabelo, por exemplo, são manifestações necessárias para identificação, ao mesmo tempo em que para diferenciação. Ao adotar determinado estilo ou modismo do momento, o jovem atende a uma necessidade de esteio social, de sentir-se parte integrante e integrada, que dá sentido à sua ação, percebendo seu cadinho universal. Simultaneamente, satisfaz outra necessidade que é a de distinção, de se diferenciar e sintonizar com o seu crisol. (SIMMEL, 1986, p. 24).

Sobre esse aspecto, cabe refletirmos ainda, que as manifestações das culturas juvenis também expressam uma emergência de atualidade, visto suas preocupações em relação ao acompanhamento do desenvolvimento científico e tecnológico, e a correlação destes às suas expressões jovens, das formas aos conteúdos das linguagens que são diversas e fluídas, visto a celeridade em que podem mudar.

Sobre esse caráter fluído que identificamos nas percepções dos jovens, Bauman (2001, p. 71) nos esclarece que como as “Supremas Repartições” que tutelavam a regularidade do mundo, ratificando as fronteiras entre o certo e o errado já não se fazem ostensivas, “o mundo se torna uma coleção infinitas de possibilidades: um contêiner cheio até a boca com uma quantidade incontável de oportunidades a serem exploradas ou já perdidas”.

Diante do que já discutimos até esse momento, em consonância com os entendimentos de Pais (1999), podemos aduzir que a autopercepção dos jovens sobre sua



condição juvenil apresenta-se marcada por uma assimilação da apresentação da juventude enquanto fase de vida, na qualidade de transição entre a infância e a vida adulta.

Nesse sentido, Pais (2006, p. 7) deslinda que “as culturas juvenis são vincadamente performativas porque, na realidade, os jovens nem sempre se enquadram nas culturas prescritivas que a sociedade lhes impõe.”

Nesse aspecto, estas performances das culturas juvenis favorecem a uma sensação de composição com os seus pares, num movimento de reconhecimento intersubjetivo, no qual, conforme Pais (2006, p. 18) as aparências estão mais arraigadas às experiências que às consciências”. Essas experiências denotam uma busca pelo autoconhecimento, ao mesmo tempo em que aspiram ao reconhecimento das outras pessoas. Desse modo, essa relevância à aparência, que marca os discursos dos jovens informantes, conforme nos esclarece Pais:

Através das modas tem-se a ilusão de uma expressividade singularizada que se consubstancializa na busca de uma *realização pessoal* mediante a qual os jovens, encerrados na imagem de si mesmos, se abrem a outros (e a representações de si) por máscaras que simbolizam a pluralidade de si mesmos. A hipótese do desenvolvimento de *identidades reflexivas* (o ser “eu próprio”) não elimina a tensão entre as *identidades reivindicadas* (*identités pour soi*) e as *identidades atribuídas* ou *espelhadas* (*identités pour autri*) – tensão que se avoluma quando as vemos inscritas numa temporalidade que as faz mudar, da mesma forma que mudam as trajetórias de vida que as sustentam. (PAIS, 2006, p. 19).

Assim sendo, os achados da presente pesquisa corroboram com a noção de Pais (2006) e Sposito (2003), na qual ambos autores asseveram sobre a importância de que estudos sobre as juventudes não se prendam aos modelos estabelecidos que não mais representam as identificações dos jovens, como é o caso, por exemplo, de percebê-los limitados a uma condição transitória, enquanto tempo de moratória, após o qual se adequarão a um ideário centrado no adulto. A partir do exposto, depreendemos que a percepção dos jovens rurais acerca da sua própria condição juvenil apresenta-se sob múltiplos aspectos, contingenciadas às condições nas quais se encontram imersos, sendo este, portanto, um fator imprescindível para a compreensão do que “significa ser jovem” diante da fluidez do mundo contemporâneo. (BAUMAN, 2001).

1.2 Percepções sobre o meio rural.

No que concerne ao olhar dos jovens rurais em relação ao meio rural, evidenciaram-se três aspectos reportados de modo correlacionado:



I. Que o meio rural é um espaço no qual ocorre uma maior integração e interação entre as pessoas;

II. Que nesse espaço há uma tranquilidade no viver, decorrente de uma percepção temporal amena, em relação às atividades realizadas no cotidiano e ao contato com a natureza; e ainda,

III. Que o desprovimento de equipamentos sociais, decorrentes da não execução ou execução deficitária de políticas públicas, reveste-se em entrave para a qualidade de vida e perspectiva de permanência no meio rural.

Para melhor compreendermos estes achados da pesquisa, problematizemos algumas falas significativas.

No que diz respeito às percepções acerca das interações, revelou-se uma ambiguidade nas falas, realçadas na leitura que segue:

“Aqui no interior é muito mais seguro, a gente anda com o celular na mão, sem medo, já numa capital movimentada, tem muita violência. Por exemplo, aqui tem pouca gente, ninguém se esbarra nas ruas, as pessoas andam devagar, porque tudo é perto, você só se atrasa se quiser. (...) Aqui, se você tá na rua e um estranho te abordar, todo mundo que tá na rua, em frente das suas casas e tal, já repara que tem alguma coisa rolando diferente, se você der um grito todo mundo acode.” (jovem F-10)

“É pacato, pelo menos no interior de onde eu vim é muito parado. Sem perspectiva. Parece que o tempo parou. Todo mundo faz a mesma coisa quase que a vida toda. Mas eu só notei isso depois que saí de lá. Isso é engraçado, eu não notava essa lentidão.” (jovem M-19)

“Tenho um amigo que estuda em Boa Vista e quando ele vem no interior e eu digo que quero fazer faculdade lá, ele me diz sempre: “te prepara para sofrer! A gente que é do interior, lá tem que ralar dobrado!”. Ele diz que eu estou acostuma com a vida paradona daqui, tudo calmo, lento mesmo. Mas, eu gosto de viver assim, embora eu também saiba que tenho que mudar, ficar mais esperta para não ficar pra trás.” (jovem M-14)

O material coletado durante a pesquisa e, ainda mais, as interações mantidas com os jovens rurais durante a coleta se apresentam como imenso desafio ao cumprimento da técnica de análise, visto que suscitam elucubrações sedutoras.

Todavia, nos atendo aos objetivos propostos, analisamos que a constatação de que a vida no meio rural é “pacata”, “paradona”, “lenta”, dá-se numa análise comparativa em relação ao meio urbano, posto que este tenha sido historicamente usado como referência e parâmetro, conforme alude Simmel:

Na medida em que a cidade grande cria precisamente estas condições psicológicas, ela propicia, já nos fundamentos sensíveis da vida anímica, no quantum da



consciência que ela nos exige em virtude de nossa organização enquanto seres que operam distinções, uma oposição profunda com relação a cidade pequena e a vida no campo, com ritmo mais lento e mais habitual, que corre mais uniformemente de sua imagem sensível-espiritual de vida. (SIMMEL, 2006, p. 528). Observa-se uma ambiguidade na percepção sobre a vivência da temporalidade, na perspectiva do sentir o correr do tempo durante as vivências diárias, que comporta ao mesmo tempo, um reconhecimento lisonjeiro e um desconforto.

Conjecturamos que um possível vértice dessa ambivalência repouse sobre a relação conflituosa entre o rural e o urbano, no sentido que as construções subjetivas a respeito da temporalidade, e sua vivência objetiva nas atividades e interações mantidas no meio rural, não apresentam uma correspondência às percepções tão racionalizadas do tempo, peculiares do meio urbano.

Além disso, esta noção ambígua acerca desse aspecto da temporalidade, nos remeteu também à ocorrência de sobreposição entre estas diferentes construções. Isso indica a existência da emergência de estratégias adaptativas, no sentido de ressignificar tais percepções, com vistas a sustentar traços culturais da comunidade rural, sem deixar de sorver traços culturais urbanos, a fim de dar subsistência ao seu processo identitário.

Nesse ínterim, Carneiro (1998; p. 3) os auxilia com seu entendimento de que o sentimento de pertença dos jovens rurais à sua localidade de origem se confunde com o projeto de construir vidas mais individualizadas, expressado a partir do desejo de “melhorar o padrão de vida” e de “ser alguém na vida”. Assim, o pertencimento à coletividade rural, choca-se com os anseios de profissionalização e atuação profissional, cujas oportunidades orbitam, nesse caso específico de Roraima, em torno da capital, Boa Vista. Assim, podemos compreender melhor a dubiedade das percepções dos jovens rurais, posto que “na formulação dos projetos individuais se expressa a ambiguidade característica da situação de convivência com dois universos.” (p. 8).

O fato desse nosso entendimento sobre o processo de construção identitário dos jovens rurais apresentar-se com um caráter ambíguo nos sinaliza aproximação às suas realidades, posto que, como postula Bauman (2006, p. 82/83) “a identidade é uma ideia inescapavelmente ambígua, uma faca de dois gumes. (...) Sempre que se ouvir essa palavra, pode-se estar certo de que está havendo uma batalha.”

2. (In) Conclusões



Sobre o primeiro aspecto, podemos aduzir dos discursos dos jovens rurais a tensão rural-urbana, já nas primeiras questões constantes no roteiro para a realização dos grupos focais e entrevistas, quando perguntamos o que pensam sobre o futuro. Pois, observamos respostas pautadas em comparações entre os meios urbano e rural. Todavia, quando questionamos: O que significa ser jovem, vivendo no meio rural? Imediatamente, os jovens rurais, independentemente de encontrarem-se morando no momento da entrevista no meio urbano ou rural, passam a pontuar situações que percebem como pontos de conflito e de diferenciação entre estes mundos, que se convertem em dificuldades e desvantagens para as populações rurais.

Nesse contexto, partindo do entendimento de que os processos identitários são perpassados pela individualização e diferenciação, bem como que são sempre contingentes e inacabados, identificamos que para os jovens rurais que contribuíram nesse trabalho, falar sobre os significados de ser jovem, sobre suas preocupações no presente e em relação ao futuro, não houve construção de ideias sem a marca de algum aspecto da tensão rural-urbano delineada acima.

Partindo dessa constatação, consideramos que os entendimentos de Canclini resume nossa conclusão: “hoje a identidade, [...] é poliglota, multiétnica, migrante, feita com elementos mesclados de várias culturas” (2006, p. 131).

A partir do exposto, (in) concluímos a presente tese, na intenção de termos contribuído na construção de conhecimentos acerca de aspectos que permeiam realidade dos jovens rurais, de modo que este conhecimento possa se converter em subsídios para demais pesquisadores, para profissionais de áreas diversas que atuam junto às juventudes, e quiçá para a formulação e/ou avaliação de políticas públicas na área da Educação Rural, em especial.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, Maria Margarida de. **Introdução à metodologia do trabalho científico: elaboração de trabalhos na graduação**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2001.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Porto: Edições 70, 2011.

BAUER, Martin; GASKELL, George. **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som**. Petrópolis: Vozes, 2002.

BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade Líquida**, Zahar Ed., Rio de Janeiro: 2001.

BAUMAN, Zygmunt. **Vida Líquida**. 1ª ed. Zahar Ed., Rio de Janeiro, 2006.



CANCLINI, Néstor Garcia. **Culturas híbridas** – estratégias para entrar e sair da modernidade. São Paulo: Edusp, 2006.

CARNEIRO, Maria José. O ideal rurano: campo e cidade no imaginário dos jovens. In: Silva, Francisco Carlos Teixeira da et al. (Org.) **Mundo rural e política: ensaios interdisciplinares**. Rio de Janeiro: Campus, 1998. p. 97-117.

DEBUS, Mary. (Org.). **Manual para excelência em la investigación mediante grupos focales**. Pennsylvania: University of Pennsylvania/Applied Communications Technology, Needham Porter Novelli, 1988.

HALL, Stuart. **A Identidade cultural na pós-modernidade**. DP&A Editora, Rio de Janeiro, 2011.

HALL, Stuart. Quem precisa de identidade? In: SILVA, Tomas Tadeu da (Org.). **Identidade e diferença: a perspectiva dos Estudos Culturais**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.

PAIS, José Machado. A construção sociológica da juventude – alguns contributos. **Análise Social**. Vol. XXV, n. 105-106, 1999.

PAIS, José Machado. Buscas de si: expressividades e identidades juvenis. In: Almeida, Maria Isabel Mendes de, Eugênio, Fernanda (orgs.). **Culturas jovens: novos mapas do afeto**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2006

PAIS, José Machado. Máscaras, jovens e “escolas do diabo”. Universidade de Lisboa, Instituto de Ciências Sociais. **Revista Brasileira de Educação** v. 13 n. 37 jan./abr. 2008.

SCHÜTZ, A. Fenomenologia e relações sociais. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1979.

SIMMEL, Georg. “El cruce de los círculos sociales” e “La ampliación de los grupos ya la formación de la individualidad”. IN: **Sociologia. Estudios sobre las formas de socialización**. Alianza, Madrid, 1986.

SIMMEL, Georg. **Questões Fundamentais da Sociologia**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006.

SPOSITO, Marília Pontes. Algumas reflexões e muitas indagações sobre as relações entre juventude e escola no Brasil. In ABRAMO, H. e BRANCO, Pedro Paulo (orgs). **Retratos da juventude brasileira**. Análises de uma pesquisa nacional. São Paulo: Instituto da Cidadania/Editora Fundação Perseu Abramo, 2005. p. 129-148.

SPOSITO, Marília Pontes. **Estado da Arte sobre juventude na pós-graduação brasileira: educação, ciências sociais e serviço social (1999-2006)**. Vol. 1, Belo Horizonte, MG: Argvmentvm, 2009.

SPOSITO, Marília Pontes. Estudos sobre juventude em educação. **Revista Brasileira de Educação-Revista da Anped**, São Paulo, n. 5-6, 1997.

SPOSITO, Marília Pontes. **Os jovens no Brasil: desigualdades multiplicadas e novas demandas políticas**. São Paulo: Ação Educativa, 2003.

SPOSITO, Marília. Estado da Arte sobre juventude na pós-graduação brasileira: educação, ciências sociais e serviço social (1999-2006), volume 2 / Marília Pontes Sposito, coordenação. UNESCO. **Juventude e Contemporaneidade**. SPOSITO, Marília, FAVERO, Osmar, CARRANO, Paulo, NOVAES, Regina Reys (Organizadores). Brasília: UNESCO, MEC, ANPEd, 2007. 284 p. – (Coleção Educação para Todos; 16).